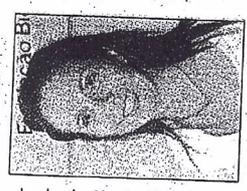


Para pensar com os olhos

Cristina Freire*



O que o cinema, o parafuso, o diapasão, e as grandes exposições têm em comum? Surtemos o século XIX, investem na criação de um público de massa ávido por distração.

As grandes exposições universais funcionavam, desde sua origem, como espetáculos para reafirmar o poder das grandes nações. Movimentavam cifras impressionantes para a época. Nunca antes um número tão expressivo de pessoas havia se reunido, por um motivo comum, exceto nas batalhas.

A indústria do turismo surge também nesse momento, pois todas as classes sociais queriam participar do espetáculo, onde quer que ele fosse, Londres, Paris ou Chicago, onde podiam passear, ver e serem vistas. A economia não poderia mais ser, desde então, desatrelada desses eventos e as grandes exposições deixaram também suas marcas monumentais nas cidades. Algumas já desaparecidas como o Palácio de Cristal, que marcou o imaginário coletivo na Inglaterra Vitoriana, outras e mantiveram até nossos dias como a Torre Eiffel, na capital francesa.

O arranjo dos objetos nessas exposições, fazia valer o dis-

curso colonialista no qual as nações periféricas deveriam ser tomadas como distantes e alheias ao modelo civilizatório dos países desenvolvidos. Essa forma de expor seguia a ordem das representações nacionais. Isto é, cada país escolhia e enviava seus próprios representantes oficiais.

Tal lógica emerge com essas exposições universais e serve de base para as grandes exposições de arte, desde a mais antiga, a Bienal de Veneza e se mantém na origem da Bienal de São Paulo criada em 1951. Esse modelo que, direta ou indiretamente, estabelece hierarquias na identidade cultural dos povos, esgotase frente ao mundo globalizado em que vivemos.

Mais do que afirmar as diferenças, a exposição é um espaço privilegiado para o diálogo por meio da arte. As grandes exposições de arte contemporânea multiplicam-se e podemos observar como muitas delas foram concebidas como fator de regeneração para lugares dizimados por guerras. Na Alemanha desde o pós-guerra, realiza-se a Documenta de Kassel, a cada cinco anos. Mais recentemente, vimos surgir entre tantas outras a Bienal de Tirana na Albânia, que emergiu cercada pelos conflitos étnicos. A Bienal de Gwangju, cidade da Coreia do Sul onde ocorreu um massacre de estudantes em 1980 pelas forças militares, é mais um exemplo.

Essas exposições demonstram como a grande exposição de arte contemporânea tem pa-

ideias tomam mais evidente ainda a importância política dos debates nas exposições desse porte. A separação está por toda parte, em qualquer lugar do mundo, e todo um sistema econômico se pauta no isolamento, da televisão à internet.

Os seminários da bienal partem de uma busca de sucesso para esse isolamento, uma vez que atualizam a noção de fórum para o sistema da arte contemporânea. Os temas abordados nas palestras e debates recortam questões significativas do panorama artístico contemporâneo, como a influência do artista belga Marcel Broodthaers, as relações entre arte e arquitetura, além de algumas leituras possíveis da sociedade e cultura contemporânea.

AB contemporâneas reconstrução, vida coletiva, trocas.

A reconstrução será o tema do próximo seminário da 27ª Bienal de São Paulo (9 e 10 de junho). O tema sugere (por que não?) um certo humanismo perdido. Trata-se de uma ética em gestão o que nos possi-

lite o viver-junto, como uma espécie de ecologia da arte.

Conflitos, atentados, violência, destruições sinalizam a dinâmica da atualidade. Se a ideia de construção embasou as utopias do século XX, propomos a noção de reconstrução para a observação do mundo contemporâneo, um instrumento de prospecção do presente. Sem lamentar a perda de algo idealizado ou distante, pensamos a reconstrução como um processo comum cujo sentido pode nos revelar algo sobre o tempo em que vivemos.

Serão debatidos temas como a restauração da subjetividade frente à banalização do mal, o custo social dos ganhos econômicos, a relação entre arte contemporânea, memória e dinâmica social, bem como apresentados trabalhos de artistas que operam na dialética entre realidade social vivida e imaginada. Tanto a política como as artes são formas de produção cultural e a noção de autonomia da arte não se sustenta no mundo em que vivemos. Assim, não se pergunta mais o que é arte, mas onde ela está.

No Pavilhão da Bienal, os grandes painéis de vidro aproximam o horizonte da cidade de São Paulo, em sua contradição e repugnante beleza, dos olhos dos visitantes, fato que se concretiza a cada exposição, para reafirmar como a experiência da arte é indissociável da vida.

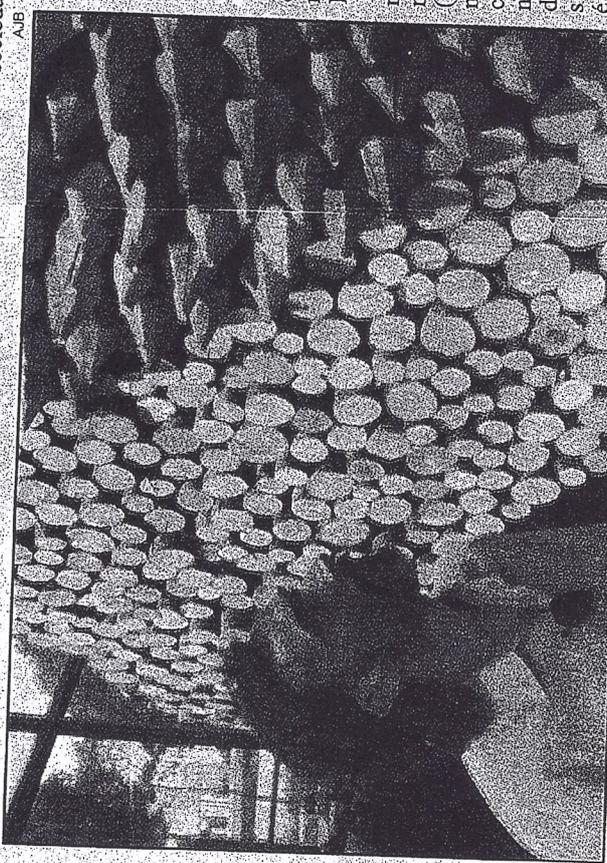
arte seria capaz de interferir nos discursos hegemônicos e ideologias naturalizadas. No limite, creio que se trata de mais um exercício prático de "como viver junto".

A principal crítica que se faz à comunicação de massas e também aos grandes eventos é que fazem desaparecer a lógica dos opostos, tudo parece ser igual a tudo. Nas grandes exposições o olhar distraído dos visitantes corre o risco de perder-se numa lógica perversa que dissolve a capacidade reflexiva. Atentos a esse paradoxo, procuramos fazer dos Seminários que acompanham essa 27ª Bienal de São Paulo uma extensão da Exposição.

O rebaixamento do espaço público, os poucos lugares e oportunidades para a troca de

visíveis da sociedade e cultura

AB contemporâneas reconstrução, vida coletiva, trocas.



Visitante na última edição da Bienal de São Paulo

Co-Curadora da 27ª Bienal de São Paulo e Docente do Museu de Arte Contemporânea da USP